



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DONA FLOR, A MULHER COM DOIS MARIDOS: UMA LEITURA FEMINISTA DA OBRA AMADIANA.

Renato da Silva Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba
renatopsilva@hotmail.com

Gabriela da Paz Araújo

Universidade Estadual da Paraíba / PPGLI/ Capes
uepbstudentegaby@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba

Resumo

Neste trabalho, observamos as relações que dona flor conseguiu estabelecer com seus dois maridos, na perspectiva entre a obediência aos preceitos sociais e o desejo de realizar-se como mulher. Verificamos como essas paixões incomuns e arrebatadoras por esses dois homens, vigoram no seio da sociedade baiana. Colocamos em destaque a ascensão da mulher em uma sociedade patriarcal, onde a mulher não refletia sobre a situação de marginalização que sofria, seguindo um padrão de comportamento determinado pelos rígidos preceitos morais da época. Dona Flor, ao mesmo tempo que vivia sem poder expor publicamente seus desejos, uma vez que o mantinha ferozmente em seu interior, dividia-se entre um homem compulsivo e rebelde e outro controlado e metódico. Assim, os pressupostos teóricos de nossa pesquisa baseiam-se em autores como Pinto (2003), Del Priore (2006), Jacobina (1999), Foucault (1984) entre outros que dialogam com essa temática. Desse modo, pretendemos demonstrar a importância da obra “Dona Flor e Seus Dois Maridos”, de Jorge Amado, e desmistificar a imagem que há muitos séculos perseguiu as mulheres, como sendo seres frágeis, puros, regrados, angelicais e sem autonomia para tomar as suas próprias decisões, fossem elas sociais, culturais ou sexuais.

Palavras-Chave: Patriarcalismo. Mulher e sociedade. Dona Flor.

Introdução

A obra de Jorge Amado *Dona Flor e seus dois maridos* escrita na chamada segunda fase de sua produção vem retratar a história de um triângulo amoroso vivido na Bahia. Nesse



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

trabalho iremos abordar as relações que Dona Flor estabeleceu com seus dois maridos Vadinho o cafajeste e jogador e Teodoro farmacêutico regrado e erudito.

O romance surgiu de uma história real numa dimensão desigual, o autor nos coloca em frente um mundo às avessas, numa época em que a sociedade era controlada e com padrões a serem seguidos. Daí surge Florípedes que começa a desfrutar em pleno patriarcalismo uma vida com dois maridos, um em espírito e outro em carne e osso.

A narrativa se desenvolve numa sociedade onde todos deveriam seguir um padrão de comportamento íntegro essencial para se levar uma vida regrada, as mulheres eram as mais perseguidas, apenas aquelas que seguissem o padrão imposto eram valorizadas e merecedoras de respeito por todos. O respeito era designado às mulheres que se dedicavam totalmente a vida familiar, fazendo o trabalho doméstico e cuidando do marido e dos filhos.

Através do humor os personagens conduzem a história e nos mostram o cotidiano do povo baiano, o início da história é apresentado nas festas do carnaval quando o protagonista morre vestido de baiana. A partir daí observamos dona flor como uma esposa dedicada e atenciosa preocupada com marido mesmo ele sendo um viciado irresponsável, que muitas vezes a trocou pelos cabarés e casas de jogos.

Dona Flor sempre exerceu o seu papel de mulher e dona de casa, a humilde professora de Culinária e apaixonada por Vadinho. A sociedade sempre a viu como exemplo de esposa, regrada e obediente. Após a morte de Vadinho e o casamento com Teodoro, Flor se revela outra mulher, inquieta, mesmo mostrando está feliz ao lado do segundo marido encontrava-se insatisfeita. O episódio em que se forma o triângulo amoroso percebemos a insistência de Flor por uma realização completa, tanto como mulher quanto como esposa no compasso da felicidade e da satisfação.

O autor da obra Jorge Amado nasceu em 10 de Agosto de 1912 no município de Itabuna, Sul da Bahia. Filho de um fazendeiro de Cacau João Amado de Faria e Eulália Leal



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Amado. O Escritor foi o fundador da Academia dos Rebeldes em Salvador, trabalhou em muitos jornais e foi aprovado entre os primeiros na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. O romancista baiano se destacou no modernismo, seu primeiro romance *O País do Carnaval* foi publicado em 1931, essa obra foi definida como “o romance regional nordestino”. Entre 1941 a 1942 fez uma longa viagem à Argentina e ao Uruguai, em 1945 se envolveu com a política e foi o deputado mais votado no Estado de São Paulo pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) autor da lei que ainda hoje está em vigor que assegura o direito à liberdade de Culto religioso. Neste mesmo ano casou-se com Zélia Gattai e nasceram as suas obras da chamada primeira fase: *Os subterrâneos da liberdade*, *Capitães de Areia* entre outros.

Além das adaptações sua obra foi tema de escolas de samba por todo o Brasil, em 1997 o romance *Tieta do Agreste* foi tema do samba de Salvador e Jorge assistiu ao lado se sua mulher em um dos camarotes da passarela. Com um tempo enfrentando muitos problemas de saúde, se encontrava deprimido, com uma alimentação rigorosa, quase sem enxergar, privou-se de suas atividades preferidas ler e escrever. O autor baiano faleceu no dia seis de agosto de 2001 em Salvador, no mês em que completa 89 anos, foi cremado e suas cinzas foram enterradas no jardim de sua residência.

A Mulher no Brasil Patriarcal

No Brasil somente na metade do século XX as mulheres conquistam a sua emancipação, até essa época eram consideradas seres incapazes e inferiores. Escondidas em castelos, palácios e moradias rudes não tinham vez numa história escrita apenas pelos homens. O mundo doméstico não tinha importância, era nesse ambiente que muitas mulheres tinham uma vida simples e sem expectativa de vida apenas o espaço público era interessante



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

onde se apresenta os acontecimentos mais importantes da humanidade. De acordo com FOLADOR 2009:

desde o período colonial a exigência de submissão, recato e docilidade foi imposta às mulheres. Essas exigências levavam à formação de um estereótipo que relegava o sexo feminino ao âmbito do lar, onde sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido, e, sendo sempre totalmente submissa a ele. (FOLADOR, 2009, p.8)

No período colonial as mulheres eram proibidas de frequentarem a escola, sendo excluídas do acesso a educação formal, mas eram treinadas para uma vida reclusa, tendo como deveres primordiais cuidar da casa, dos filhos e maridos. As diversões e formas de lazer eram as missas, novenas e procissões, já que não podiam passear sozinhas em locais públicos.

A mulher aprendia a costurar, bordar, cozinhar e, as mais abastadas, a pintar e tocar algum instrumento. A leitura e escrita deveriam ser as mínimas possíveis, isso dependendo da rigurosidade do pai, que, em muitas vezes não permitia que as filhas aprendessem a ler e escrever. A educação era ministrada somente aos homens, e, tanto as mulheres brancas ricas e pobres, quanto às negras, fossem elas escravas, alforriadas ou mestiças, não tinham acesso à instrução. Um ditado da época demonstra muito bem a opinião masculina acerca da instrução feminina, onde menciona que “mulher que sabe muito é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada”. (FOLADOR, 2009, p.9).

No Brasil a grande vigilância existente em relação à mulher principalmente solteira era necessária para resguardar a virgindade, era uma qualidade da época, a honra da família dependia muito da castidade e pureza encontrada nas mulheres como sinal de respeito, no casamento a mulher também era vigiada para manter a honra e não expor a masculinidade do marido. Existia uma falta enorme de instrução tanto intelectual quanto sexual para mulher daquela época, se casavam sem nenhuma informação sobre o sexo, muitas não chegavam ao prazer, serviam apenas para reprodução.

Com a chegada da família Real ao Brasil o enclausuramento foi diminuindo, mesmo o patriarcalismo ainda sendo muito forte as mulheres começaram a desempenhar muitas funções para o sustento da família, como domésticas, lavadeiras, vendedoras ou até mesmo profissões masculinas como tropeiras e cocheiras, outras faziam da prostituição uma forma de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sobrevivência. Diversas conquistas também foram acontecendo, as mulheres passaram a passear livremente na rua e espaços públicos, teatros, lojas, bailes e salões de beleza.

O século XIX trouxe mudanças para as mulheres, tanto na Europa quanto na América. Foi um século no qual, em países mais desenvolvidos, elas buscaram seus direitos e tentaram igualá-los aos dos homens. No Brasil o patriarcalismo ainda era forte, porque mesmo com sua Independência as características principais da sociedade se mantiveram, isto é, o patriarcalismo baseado num meio de produção escravocrata. (FOLATOR, 2009, p.12).

No século XIX as mulheres começaram ter acesso a educação em suas residências, entediavam como educação feminina, o piano, a dança, e escrita e a leitura, era uma instrução positiva na visão de muitos homens. Esse tipo de instrução era apenas para as mulheres da elite, aquelas que se encontravam em outra classe social se contentavam apenas com o primário, um ensino menos qualificado. Mesmo as mulheres diante de muitas transformações ao seu favor, elas ainda se encontravam limitadas, sem autonomia e diferente dos homens.

O século XIX trouxe mudanças, que, na verdade, não se estenderam a todas as mulheres, pois as mais beneficiadas foram àquelas ligadas à elite. As mudanças foram verificadas no que se refere a uma maior liberdade para freqüentar locais públicos e em um maior acesso à educação, uma vez que, agora lhes era permitido e esperado que soubessem ler e escrever. Para as mulheres das camadas inferiores pouca coisa mudou nesse século. Continuavam a ser encaradas, na maioria, como mulheres desonradas ou sem honra, decorrência em muitos casos dos meios que utilizavam para sobreviver. A maioria das mulheres brasileiras teria de esperar a chegada do século XX para alcançarem um maior reconhecimento da sociedade por sua participação na construção do país. (FOLATOR, 2009, p. 14)

As mulheres se encontravam inconformadas com as formas de como eram tratadas, no início do século XX elas já possuíam uma ideia de renovação de conceitos sobre a sua atuação e direitos que podiam conquistar. Foram muitas vezes defendendo e pedindo o direito da mulher de tomar decisões assim como os homens, queriam contribuir na política e economia, abolir com a exclusão feminina e torna-las cidadãs.

Dona Flor e Seus dois maridos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Escrita em Salvador na segunda metade de 1965, a obra foi lançada no ano seguinte com grande sucesso. Dona Flor era a segunda personagem feminina marcante do autor, depois de Gabriela. Resultado de uma história real, ocorreu na Bahia na década de 30 com uma jovem que casou com um mulherengo e jogador. O marido de Florípedes morre logo depois do casamento em plena festa de carnaval. Na Bahia surge Dona Flor, a professora de culinária e seus dois maridos, Vadinho o homem do jogo e pouco afeito a fidelidade e Teodoro, regrado e fiel.

Dona Flor vive a dualidade eterna do ser humano: de um lado a segurança e a estabilidade. O respeito e a moralidade sem sobressaltos, do outro a vadiagem, a insegurança, mas o amor arrebatador, o desejo, a sedução e o pecado consentido. Como é difícil ter os dois – reflete a própria Flor no romance. Esse conflito retirado da realidade burguesa é tão atual, quanto era na data em que o livro foi publicado. (NUNES, 2008, p. 55).

O livro possui mais de duzentos personagens e são 446 páginas onde Jorge Amado relata o cotidiano do povo da Bahia, ligados ao misterioso e a religião herdada do povo africano além do carnaval que é presente em todas as obras produzidas desde 1958 até a sua morte. Dona Flor e seus dois maridos pertence à chamada segunda fase de produção de Jorge Amado onde começa a escrever romances de figuras populares da Bahia.

A história começa em pleno domingo de carnaval quando Vadinho vestido de baiana e dançado com seus amigos em um bloco nas ruas de Salvador cai no chão e morre. Todos que estavam na rua correm em direção do protagonista surpresos com o que acabara de acontecer, Dona Flor ao ver começa a chorar a morte de seu marido.

Dona Flor, precedida, é claro, por dona Norma a dar ordens e a abrir caminho, chegou quase ao mesmo tempo que a polícia. Quando despontou na esquina, apoiada nos braços solidários das comadres, todos adivinharam a viúva, pois vinha suspirando e gemendo, sem tentar controlar soluços, num pranto desfeito. (AMADO, 1982, p.16)

No primeiro episódio voltam todas as lembranças do falecido, os amigos de farra e jogo, as prováveis amantes, as confusões e apostas de suas próprias roupas e principalmente



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Flor que mesmo tendo um marido infiel, grosseiro e que a fez sofrer muitas vezes, era impossível esquece-lo, ela ainda o tinha em seu coração.

D. Rosilda a sogra de Vadinho o odiava, ela é ambiciosa e controladora, nunca foi a favor do casamento da filha, sempre quis que as filhas casassem com homens ricos para escalar na vida social de Salvador, por ela não ter sido feliz no casamento. Mas aparece Vadinho que entra de penetra numa festa com a ajuda de seu tio e tem a benção de D. Rosilda para namorar Flor, com um tempo a sogra descobre quem verdadeiramente é o namorado de sua filha, um cafajeste, viciado em jogo e cliente fiel de cabarés. Mas é tarde, Flor já estava apaixonada por Vadinho e no ápice da paixão casa-se de azul por não ter coragem de casar de branco.

Após a morte de Vadinho Flor quase adota um menino de uma prostituta por achar que era filho de seu marido, mas o pai era um xará de Vadinho chamado Valdemar. Depois de alguns meses, mesmo a viúva ainda estando em luto, sua mãe volta à cidade e como odiava seu genro criou muitas intrigas sobre o falecido. As beatas não param de procurar pretendentes para Flor, então que aparece um farmacêutico chamado Teodoro Madureira um solteirão que constrói um dos mais castos noivados com Flor, desta vez aprovado por dona Rosilda.

Na lua-de-mel Flor percebe o quanto Teodoro é diferente de Vadinho, regrado, fiel, sexo apenas as quartas e sábados, bis aos sábados e facultativo as quartas. No dia do aniversário de casamento, quando todos os convidados haviam saído Flor vê Vadinho nu, como o viu no dia de sua morte, a puxa-la e tenta-la. Mas ela resiste e é fiel ao casamento, dai surge à parte que deixou o livro mais famoso, Vadinho de um lado e Teodoro do outro, só que Vadinho invisível a todos menos a Flor.

O fim do romance deveria ser trágico, assim conta Zélia Gattai, em entrevista ao vídeo show, em 12/08/1998. Flor deveria morrer, pois todas as histórias onde uma mulher é dividida entre dois amores acaba mal, - conta dias Gomes, em entrevista no extras, do DVD da minissérie sobre conversa mantida com a escritora em salvador – e isto já estava decidido. Mas um dia



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

o marido, Jorge Amado a acordou para comunicar que daria a viúva um final diferente. Assim a obra chega ao final com Flor andando feliz com os dois maridos, o vivo e o espírito ao seu lado, pelas ruas de Salvador. [...] A imagem da personagem pacificamente com os dois, totalmente feliz invoca o ideal, o equilíbrio entre os dois maridos, a virtude e o desejo, o atinado e o desatino para compor a felicidade. (NUNES, 2008, p.63).

Com a volta de Vadinho dos mortos Flor se sente dividida entre o atual esposo e o falecido, Vadinho diz que não ela precisa se constranger, sua justificativa é que eles são casados no padre e no juiz. A viúva com medo de não resistir ao falecido encomenda um trabalho de volta do espírito, enquanto isso Vadinho trapaça em todos os jogos ajudando os amigos e sorteando o número 17, o seu predileto quando ainda estava entre os vivos. Depois dona Flor acaba cedendo e constroi uma vida conjugal com os dois maridos, um em carne e outro em Espírito, mas sem o conhecimento da sociedade.

Dona Flor: Entre a ordem e a desordem

Ao demais, trajada o robe caseiro e bastante usado com que cuidava do asseio do lar, calçava chinelas cara-de-gato e ainda estava despenteada. Mesmo assim era bonita, agradável de ver-se: pequena e rechonchuda. De uma gordura sem banhas, a cor bronzeada de cabo-verde, os lisos cabelos tão negros a ponto de parecerem azulados, olhos de requebro e os lábios grossos um tanto abertos sobre os dentes alvo. (AMADO, 1982 p.16)

Vadinho tratava dona Flor como empregada ou prostituta isso acontecia devido ela aceitar os papéis impostos pela sociedade patriarcal. Ela não tinha escolha, seguia um padrão cultural onde as mulheres mais velhas acompanhavam esse costume. Flor estava de acordo com aquelas normas convencionais destinadas a mulher, ela sempre procurou agradar o seu marido, sempre com a casa limpa e em ordem, a melhor comida e preferida de Vadinho e acomodada frente às agressões que tanto sofria. O casamento era uma estratégia de tentativa de aprisionamento da mulher em regras de condutas sociais.

Mesmo depois da morte de Vadinho, Florípedes exerce fielmente o seu papel de mulher, até que aparece Teodoro e eles se casam de acordo com os moldes patriarcais. Mesmo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

a sociedade tendo o casal como modelo de felicidade, Flor não se sente completamente feliz, a causa é a não satisfação do prazer sexual com o atual marido. Dividida entre os seus dois amores um, o arquétipo sexual, o outro a representação de caráter, dessa forma a protagonista está diante de dois personagens que possuem as características desejadas por toda mulher. Mas Flor vê-se na possibilidade de uma traição, numa época patriarcal onde a mulher não podia realizar todos os seus desejos, tinha que obedecer as regras impostas pela sociedade.

Jorge Amado faz com que a ambiguidade, o triângulo amoroso e o ponto de vista feminino se transforme em valores e deixem de ser, como ocorre na literatura ocidental, o polo negativo da ordem social ou da conciliação humana. Além disso, há em Dona Flor a perturbadora e contraditória sugestão de que se pode escolher os dois – ou seja: escolher não-escolher, um paradoxo lógico que transforma, relativiza e, no limite, desmoraliza o caráter trágico do triângulo amoroso de reputação bovesca, recuperando sua capacidade criativa, liberando suas dimensões mágicas e deixando ver o seu potencial sociológico, em contraste com a moralidade rotineira que nos obriga a escolher um dos dois! (DAMATTA, 1997, p. 121)

Waldomiro tem um comportamento subversivo à ideologia patriarcal, mesmo ele sendo casado não cumpre com o padrão de marido sugerido pela sociedade, suas atitudes cômicas e exageradas ridicularizam o patriarcalismo. Flor possui um comportamento oscilante: mesmo cumprindo com o seu papel de mulher, sendo submissa às regras do sistema, ela reconhece que seguir a risca essas regras são a torna totalmente realizada. Assim, aos olhos da sociedade, ela é uma mulher regrada, mesmo estando com Teodoro e Vadinho, já que esse último não pode ser visto pelos demais seres humanos. Portanto, há uma tentativa de subversão do código patriarcal por parte do elemento feminino, mas não perante o olhar atento da sociedade. Teodoro atende a todas as sugestões patriarcais, diferente de Vadinho, ele era um homem culto e inteligente.

Dona Flor codifica essa duplicidade e estranheza através de suas fantasias libertinas, situadas nas escoras subjetivas, e do fenômeno real exteriorizado pela postura honesta e austera. Diríamos, então, que a protagonista condensa um outro dentro de si, que entra em conflito consigo mesmo como sujeito. Essa desordem psíquica é elevada à vértice ambígua, pois ela representa o desejo encoberto pelas próprias atitudes de virtude e recato.(ZANON, 2012, p.403)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A protagonista vive na mediação de dois mundos, o da cultura popular representado por Vadinho e outro, letrado, culto e formal representado por Teodoro. Flor vive o “mundo da ordem e da desordem”, diante de dois mundos realiza da melhor maneira através do sobrenatural a aquisição de sua liberdade sexual e adequando os seus modos de mulher ideal e prendada nas convenções sociais da época. Mergulhado em um constante complexo de confusões, para poderem se casar Flor fugiu com Vadinho e conseqüentemente teve a virgindade perdida “antes do tempo”; o segundo matrimônio, ocorreu de acordo com os preceitos patriarcais. Agregamos essa afirmação às palavras do romance: “Se o primeiro casamento de dona Flor realizou-se às carreiras, em acanhada e simples cerimônia, no segundo tudo aconteceu como devido, reinando ordem e certo brilho” (AMADO, 2008, p. 270). Percebemos então a distinção dos matrimônios um no desconcerto e outro na disciplina.

A insatisfação de Flor na questão sexual com Teodoro provocou em sua existência uma intensa inquietação, o jeito comportado de regrado de seu atual marido resultou um desassossego, naquela Flor existia uma emoção como explica ZANON 2012:

Vejamos que o próprio nome da protagonista deságua numa compreensão sugestiva e que não foge a essa ambiguidade que toma conta da existência de Flor. Ao pensarmos no termo “flor” e a sua própria imagem, digamos que designa um elemento fino, delicado, formoso e digno de cuidado, enquanto que a verbalização deste termo, “florescer”, pressupõe algo em desenvolvimento, que desabrocha e desponta para sua completude. De fato, é o que acontece com dona Flor. Flor no nome que a designa como tal, contudo floresce ao abrir-se e estar disposta ao mundo da liberdade e para o prazer do corpo, através do sexo. (ZANON, 2012, p.404)

O casamento com Teodoro representa um grande conflito na vida de Flor, por mais que seja tranquilo e seguro, Flor teve uma vida de sete anos de correria e preocupação, com as armações de Vadinho, com o atual marido, o tempo não progredia, tudo era sólido e sem inovações.

Considerações Finais:

Algumas personagens Amadiana destacam-se na nossa literatura de forma abrangente, sendo polêmicas, ousadas e sedutoras, por isso são frequentemente analisadas de forma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

intensa. Quem é dona Flor no romance de Jorge Amado? Podemos analisa-la na sociedade como adúltera, pecadora, mas Dona Flor na verdade cometeu algum pecado? Amado esboça-nos mulheres que são representadas nas narrativas de formas diversificadas, atuantes no universo literário.

Diante de uma sociedade patriarcal, onde as mulheres são consideradas inferiores aos homens percebemos que dona Flor seguia aquele padrão de mulher comportada que trabalhava em casa e estava sempre a dispor do marido cumprindo todos os seus desejos. Mas observemos que Florípedes “é um sujeito de contornos ambíguos”, lembremo-nos do ditado “a mulher deve ser uma santa na rua e uma “mulher da vida” na cama”, da mesma forma que santifica a imagem feminina, conspurca a mulher construindo um protótipo duplo.

A sociedade possui uma maneira preconceituosa de diferir os indivíduos, se é “mulher da vida” tem um valor inferior, mas se é “mulher de casa” é mais respeitada e tem um valor bem mais significativo. No romance esta forma dupla está presente em Flor, que para todos da vizinhança é regrada, santa e correta, enquanto mulher de Vadinho realizou todos os desejos de seu marido desde mesmo sua primeira relação sexual.

Jorge Amado através de Dona Flor não retratou a vida apenas de uma personagem baiana, mas de muitas mulheres que possuem o insaciável desejo de liberdade em realizar todos seus anseios como mulher, independente de quaisquer julgamentos que posteriormente acontecesse. A sociedade pode construir uma comparação idêntica às pecadoras e adúlteras, mas podemos encontrar uma personagem que renasceu para uma nova existência, na busca apenas de sua felicidade tanto como esposa como mulher.

Referências Bibliográficas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AMADO, Jorge. Dona Flor e seus dois maridos: história moral de amor e romance. Rio de Janeiro: Record, 1982.

AMADO, Jorge. Dona Flor e seus dois maridos. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

DEL PEIORE, Mary. Histórias íntimas: sexualidade e histórias íntimas na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: Uma herança ocidental. Revista fato&versões: 2009. Disponível em:

www.catolicaonline.com.br/fatoeversoes. Acesso em: 21 de Outubro de 2012.

FOUCAUT, Michel. História e sexualidade 2: O uso dos prazeres. Graal: Rio de Janeiro 1994.

GANCHO, Cândida Villares. Como analisar narrativas. São Paulo: Ática, 2006.

GOMES, Álvaro Cardoso. NEVES, Sonia Regina Rodrigues. Literatura Comentada Jorge Amado. São Paulo: Nova Cultura, 1990.

NUNES, Adalgisa Maria Oliveira. Dona Flor: o livro e a minissérie. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Programa de Pós-graduação, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

Vários autores. Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1997.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ZANON, Suzana Raquel Bisognin. Dona flor e seus dois maridos: o desejo como princípio do avesso. Revista Travessias: Cascavel – PR, 2012. Disponível em: www.unioeste.com/travessias. Acesso em: 21 de Outubro de 2012.